



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

ROSIENE DA SILVA FERREIRA

OS CONFLITOS DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Caaporã-PB

2013

ROSIENE DA SILVA FERREIRA

OS CONFLITOS DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia
na Modalidade à Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito
institucional para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

PROF.(A). DR(A). IDELSUITE DE
SOUSA LIMA

ORIENTADORA

PROF.^a JOANA EMÍLIA PAULINO
DE ARAÚJO COSTA.

ORIENTADORA

Caaporã-PB

2013

F383c Ferreira, Rosiene da Silva.

Os conflitos de gêneros na educação infantil / Rosiene da Silva
Ferreira. – João Pessoa: UFPB, 2013.

38f.

Orientador: Emília Cristina F. de Barros

Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)

– UFPB/CE

Educação infantil. 2. Cultura. 3. Quebra de paradigma.

I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

ROSIENE DA SILVA FERREIRA

OS CONFLITOS DE GÊNEROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a
Distância, do Centro de Educação
da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento as exigências para
conclusão.

Aprovada em: ____/____/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a _____
Prof. Orientador
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. _____
Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico com muito prazer e satisfação esta monografia ao meu Deus, pela força e conforto que vem me dando até aqui.

Aos meus pais por me ajudarem em oração.

Aos meus filhos Williany e Willyans, ao meu amado esposo por estarem tendo muita paciência comigo.

Aos professores/as, mediadores/as e orientadores/as por demonstrarem disponibilidade e paciência no decorrer da elaboração deste trabalho. E que mediante suas orientações técnicas consegui chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bondoso Deus, porque só Ele é digno de toda honra, glória, majestade e louvor. Pois foi através da sua vontade permissiva que tudo isso viesse a acontecer. E que, ao longo dessa caminhada, não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que se pode conhecer. Senhor Jesus, obrigada pelo fim de mais uma etapa que está chegando ao fim com o Seu apoio e conforto durante essa longa jornada!

Também agradeço aos meus pais, José Pereira e Severina Celestino, pelas orações que fizeram e fazem por mim.

Aos meus filhos, Williany e Willyans pela paciência e carinho para comigo.

Ao meu amado e querido esposo, pelo carinho, dedicação e sempre pronto a me ajudar e auxiliar nos momentos difíceis no decorrer dessa jornada acadêmica.

As minhas amigas e colegas de curso, Maria Élide, Luclécia, Daniela e Andreia pela amizade e companheirismo em todos esses anos e, sobretudo, pelas palavras de estímulos.

A minha professora orientadora Joana Emília, pelas orientações técnicas que foram bastante úteis para a elaboração dessa monografia.

A minha tutora presencial Adriana Pontes, pelas palavras de motivação e pelas mensagens de informação que muito me ajudaram a chegar até aqui.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração por me ter oferecido o conhecimento racional, no processo de formação profissional por ter se dedicado a me proporcionar um ensino de qualidade e abrir meus olhos para novos horizontes.

Enfim, a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu respeito, compreensão e muito obrigada!

A persistência é o melhor caminho do êxito.

Charles Chaplin

RESUMO

A discussão sobre gênero perpassa todos os aspectos da vida social e se expressam na cultura, nas convicções religiosas e políticas. Atualmente, a sociedade vivencia diversos conflitos no meio social, cujos grupos são muito diversificados, tais como: a família e a escola. Dessa questão, surgiu a problemática de compreender como os conflitos de gênero podem ser uma quebra de paradigma no âmbito da Educação Infantil. Segundo Goldenberg (2000), o gênero surgiu inicialmente não para permanecer intacto sem sofrer nenhuma transformação, mas, sim, para que se apresentasse como elemento natural com capacidade de interagir no meio social em que vive e, sobretudo, ser um produto capaz de construir e também de desconstruir buscando sempre a adequação e a acessibilidade convencional para manter uma relação normal e simples com seus semelhantes sem nenhuma forma de preconceito. Isto é, o gênero surgiu e consigo trouxe a possibilidade das transformações. O tema estudado e percorrido no presente trabalho tem como objetivo principal desconstruir preconceitos sobre as questões de gênero e minimizar a exclusão de pessoas consideradas “anormais” em função de seu modo de ser, principalmente no âmbito da Educação Infantil. Para este estudo foi realizado uma pesquisa etnográfica com abordagem qualitativa e o plano de coleta de dados foi realizado através de uma entrevista estruturada. Nossa análise considera que a escola tem a responsabilidade de cuidar, educar e formar cidadãos capazes de viver em sociedade, exercendo o papel fundamental que vise afastar todo e qualquer tipo de preconceito e de exclusão social.

Palavras-chave: Desconstrução cultural. Quebra de paradigma. Afastar discriminação e preconceito no âmbito da educação infantil.

ABSTRACT

The discussion on gender permeates every aspect of social life and express themselves in the culture, religious and political beliefs. Currently, the society experiences various conflicts in the social environment , which groups are very diverse , such as family and school . For this question, arisen the problem of understanding how gender conflicts can be a paradigm breaking in the context of children's education. According to Goldenberg (2000) , the genre first appeared not to remain intact without suffer any transformation , but rather to that present like a natural element with ability to interact in the social environment in which they live and, above all , be a product able of construct and deconstruct also always looking for the adequacy and conventional accessibility to keep simple and normal relationship with his fellows without any form of prejudice . That is, the genre came and brought with it the possibility of changes .The subject studied and discoursed in this work has as main objective to deconstruct prejudice about gender issues and minimize the exclusion of people considered " abnormal " due to their way of being , especially in the context of Children's Education . For this study was made ethnographic research with qualitative approach and the data collection plan was accomplished through a structured interview . Our analysis respect that the school has a responsibility to care for, educate and train citizens capable of living in society , playing the fundamental part that aimed to move away all and any kind of prejudice and social exclusion .

Keywords: Cultural Deconstruction . Paradigm shift . Mpve discrimination and prejudice in the context of early children's education .

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 RESOLVENDO OS CONFLITOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
3 ENCONTRANDO SOLUÇÃO PARA OS CONFLITOS DE GÊNEROS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
4 PERCORRENDO OS CONFLITOS DE GÊNEROS.....	26
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	26
4.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	27
5 CONFIGURANDO O CAMPO EMPÍRICO.....	28
6 PLANO DE COLETA DE DADOS.....	29
6.1 ANÁLISE DE DADOS.....	30
6.1.1 Apresentações da discussão da essência das respostas da entrevistada.....	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERENCIAS.....	36
APÊNDICE.....	37

1 INTRODUÇÃO

As distinções de gênero se estruturam todos os aspectos da vida social e se expressam na cultura, nas convicções religiosas e políticas, na violência, na reprodução e até na divisão de trabalho. (HUMM, 1989; ABERCROMBIE; HILL; TURNER, 1994).

A perspectiva sobre a construção cultural dos sexos é determinada pela cor, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas. A escola também é acusada de reforçar esta visão exagerada e prejudicial a um grupo. Na maior parte dos casos, as instituições educacionais tendem a socializar as crianças para papéis femininos e masculinos tradicionais.

A desconstrução cultural dos sexos, não leva em consideração cor, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas pode ser entendida como contribuição para os conflitos de gênero. Neste caso, a escola também é acusada de reforçar esta visão que conflitua grupos, instituições e tendem a dissocializar as crianças para não exercerem papéis femininos e masculinos tradicionais. Ou seja, a escola que exerce influência significativa na construção do caráter e personalidade dos cidadãos, deve ensinar que não existem métodos pré-estabelecidos para o gênero feminino como, por exemplo, que as meninas só podem vestir tal estilo de roupa, que só pode brincar de boneca, que a cor rosa deve ser usada apenas para meninas etc. Assim também acontece com o gênero masculino. Agindo assim, a escola está quebrando paradigmas tradicionais que existem há muito tempo no meio social e que tem provocado muitos conflitos de gênero para a sociedade. Entretanto, atentar para a erradicação dos conflitos entre os gêneros no âmbito da educação infantil é fundamental para darmos tratamento igualitário aos meninos e as meninas, onde ambos os sexos possam participar de situações, brincadeiras e de um ambiente sem discriminação e, sobretudo, de uma educação não sexista e o mais importante, respeitando as diferenças. Portanto, atualmente a sociedade está vivenciando tanto no meio social, como entre os grupos, famílias, vizinhos, como também nas instituições de ensino o conflito de

gênero. Todavia devemos-nos perguntar: como os conflitos de gênero podem ser uma quebra de paradigma no âmbito da educação infantil? Diante disto neste trabalho, procuramos estabelecer objetivos que busquem corrigir, aperfeiçoar e apontar metas para dirimir as dúvidas advindas desta nova visão de quebra de paradigma, cuja finalidade é interagir entre os gêneros como também, resolver os conflitos que são visivelmente encontrados entre os alunos da educação infantil. Portanto, este trabalho tem como principais objetivos, identificar quais práticas pedagógicas discutem os conflitos de gênero; compreender as situações de conflitos que determinam os preconceitos de gênero; analisar os mecanismos que contribuem para desconstruir o preconceito entre gêneros, sobretudo, na educação infantil. Sobretudo, a pesquisa será estruturada em três capítulos: O primeiro Resolvendo os conflitos entre gêneros na educação infantil; o segundo: Encontrando solução para os conflitos de gêneros no âmbito da educação infantil e o terceiro: Percorrendo os conflitos de gênero.

A importância desta pesquisa é de contribuir, diretamente, para estudos, estratégias, desenvolvimento e compreensão dos grupos sociais no geral, tendo a criança como principal sujeito, produtora de conhecimento, pois buscamos através da mesma, construir uma nova visão social para conscientizar todos os grupos a viverem interagindo sem, contudo, deixar que algum tipo de preconceito venha afastar o ser humano uns dos outros e que todos aprendam a conviver com as diferenças. Pois ser diferente é normal.

A pesquisa será baseada nos estudos de vários autores, que em suas teorias, definiram a união dos gêneros, bem como edificação das relações sociais entre homens e mulheres. São eles: Barbosa (1989), Scott (1990) e Louro (1997).

Para Louro (1997), é preciso compreender o gênero como “constituente da identidade dos sujeitos”. A autora coloca a importância de se pensar as relações de gênero, as desigualdades entre homens e mulheres, de modo plural, ou melhor, ela afirma que os homens e as mulheres são identificados por gênero, classe, raça, etnia, idade, nacionalidade, etc. e, dessa forma,

assumem “identidades plurais, múltiplas” e produzem diferentes “posições de sujeito”. Nessa relação, as redes de poder (das instituições, símbolos, códigos, discursos, etc.) precisariam ser examinadas.

Louro (1997) explica que as identidades são múltiplas e plurais, que elas transformam-se e podem nos ajudar a entender que as práticas educativas são “generificadas”, produzindo-se a partir das relações entre os gêneros, sobretudo, entre as classes e raças.

A compatibilidade entre os gêneros explicitada por Louro (1997) deixa claro que as práticas educativas são moldadas das diversas relações, classe, raça e gênero. Esta última, recebendo ênfase e se constituindo como cerne para o desenvolvimento do conflito de gênero, quando não aplicada adequadamente nas instituições educacionais.

Esse referencial terá relevância para a sociedade em termo da quebra do paradigma da visão parcial, exagerada e prejudicial de um grupo. Ou seja, estamos tentando dirimir os conflitos de gêneros e as diferenças sexuais, buscando encontrar um novo conceito capaz de rever esses conflitos na sociedade.

A pesquisa fundamenta-se na erradicação de futuros preconceitos a serem desenvolvidos em sala de aula infantil. O que queremos dizer é que por meio desta pesquisa buscaremos fomentar conhecimentos precisos para o desenvolvimento de uma prática pedagógica exonerada da construção de preconceitos no ambiente educacional infantil.

Ante o tema escolhido, podemos perceber que para se elaborar uma pesquisa com fundamentação convincente, faz-se necessário a utilização do método qualitativo e a maneira pela qual nos dará mais expansão para ser utilizada com segurança e acima de tudo expor com conhecimento fundamentado. Portanto, deve-se, por sua vez, ser utilizado um tipo de pesquisa que através dele obtenhamos maiores informações que nos dará sustentação para defesa da tese.

Portanto, devemos optar para um tipo de pesquisa que visa descrever e interpretar a cultura e o comportamento das pessoas e dos grupos. Isto é, pesquisa etnográfica.

Atualmente, a família e a sociedade estão sofrendo transformações que visam modificar a maneira tradicional de conceber a denominação da família. Isto é, a sociedade não pode mais afirmar que uma família é formada por um homem e uma mulher. Diante disso, essa transformação, tem chegado até a sala de aula e muitos preconceitos tem se levantado em desfavor do assunto gerando assim uma forte discussão negativa e conflitante entre os gêneros e, por conseguinte, criando uma problemática capaz de envolver todos os seguimentos sociais, sobretudo, o ambiente escolar. Entretanto, percebemos claramente, que a criança é o indivíduo que está na linha de frente e que é o alvo principal do preconceito em virtude da formação familiar a que pertence. Todavia, cabe a escola e a nós futuros pedagogos e pedagogas prepararmos sócio e psicologicamente tais crianças para que essas aprendam a conviver com a nova realidade de transformações no âmbito social e familiar com a finalidade de superar os conflitos de gêneros, superar preconceitos e, sobretudo, aprender a conviver com as diferenças da sociedade atual. Em virtude das mudanças no ambiente familiar, de comportamento na sociedade, o preconceito que existem entre os sexos, as alterações no comportamento dos pais quanto ao novo padrão de família, é o novo desafio para todos os seguimentos sociais e tem se apresentado como quebra de paradigma no conceito de padrão de sociedade tradicional.

Portanto, cabe aos profissionais da educação identificar quais práticas pedagógicas discutam os conflitos de gênero, sobretudo visando à compreensão e criando métodos educativos que venham orientar sobre a problemática que mobiliza o preconceito de gênero e encontrar mecanismos que contribuam para desconstruir este conflito no âmbito da educação infantil.

Segundo Goldenberg, (2000), o gênero surgiu inicialmente não para permanecer intacto sem sofrer nenhuma transformação, mas, sim, para que se apresentasse como elemento natural com capacidade de interagir no meio social em que vive e, sobretudo, ser um produto capaz de construir e também de desconstruir buscando sempre a adequação e a acessibilidade convencional para manter uma relação normal e simples com seus semelhantes sem nenhuma forma de preconceito. Isto é, o gênero surgiu e consigo trouxe a possibilidade das transformações. Segundo Goldenberg,

O conceito de gênero possibilitou que se enxergassem as relações entre gêneros não como algo inscrito na eternidade de uma natureza inacessível, mas como produtos de uma construção social que é importante desconstruir'. (GOLDENBERG, 2000, p.8)

Por fim, é de suma responsabilidade que todos nós que estamos buscando ser um profissional da pedagogia, tenhamos a capacidade de interagir e entender que os conflitos entre gêneros é uma realidade e que devemos estar atentos para resolvê-los com inteligência sem prejudicar nenhuma das partes nem muito menos as crianças futuros cidadãos do nosso País.

2 RESOLVENDO OS CONFLITOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mediante leituras e pesquisas realizadas sobre o assunto em tela, entendemos que os conflitos de gêneros na educação infantil são uma realidade na sociedade atual e que não podemos fechar os olhos para os preconceitos existentes em todos os segmentos da sociedade. Pois, percebe-se claramente que a cultura, o viver em grupo, o fator psicológico, as opiniões que emanam da nossa sociedade ainda é de reprovação e que ainda está difícil para aceitar os novos conceitos no tocante a família, a cultura, a usos e costumes que estão em voga no mundo atual. Isto é, os costumes que a nossa sociedade está acostumada a conviver, são os costumes de uma sociedade machista, onde quem dita às regras são os homens/machos e as mulheres/fêmeas apenas obedecem e, portanto, todos esses costumes retrógrados estão sofrendo transformações e isto está causando preconceitos principalmente no tocante ao novo conceito de gêneros. Com todas as novas mudanças e transformações no âmbito dos gêneros incluindo a educação infantil que é o tema principal em discussão deste referencial, o que podemos apontar como um dos principais conflitos e que é o fator que mais incomoda a aceitação pela sociedade sobre tais mudanças e transformações são os seguintes pontos: A uniformidade nas cores. Isto é, não existe mais uma cor predominante para o homem usar, assim como também para a mulher. Outro ponto relevante são os brinquedos infantis. Por conseguinte, casamento de pessoas do mesmo sexo, etc. Diante desses fatores reais, o preconceito é aparente e cabe a nós futuras/os pedagogas/os trabalhar estas questões na idade mais tenra da criança, a fim de que esses paradigmas sejam quebrados ou até mesmo excluídos no âmbito da educação infantil. Pois, se conseguirmos trabalhar a quebra desses preconceitos machistas no início da vida da criança na sala de aula, com certeza se construirá uma nova sociedade com uma nova visão sobre o comportamento humano e desconstruiremos muros que separam os seres humanos por causa de meros conceitos que não produzem crescimento e que só afastam os seres humanos produzindo inimizades e,

sobretudo querendo fazer com que as regras ditatoriais dos homens que só sabem mandar prevaleçam.

Barbosa (1989) afirma que gênero não quer dizer que quando o indivíduo nasce ele se torna masculino ou feminino, mas que eles se constroem com divergentes comportamentos, poderes e até mesmo diferentes sentimentos, ou seja, é por meio da sua construção social, cultural e educacional que adquirem comportamentos femininos e masculinos. Enquanto que Scott (1990) conceitua o gênero mostrando que o corpo se transforma em motivo de investigação histórica e sociológica e que seu significado pode ser diferente mediante cada contexto. O uso do termo gênero representa um processo que procura explicar os atributos específico que cada cultura impõe ao masculino ou feminino, considerando a construção social construída hierarquicamente como a inter-relação de compatibilidade entre os gêneros.

Para Louro (1997), é preciso compreender o gênero como “constituente da identidade dos sujeitos”. A autora coloca a importância para se pensar as relações de gênero, as desigualdades entre homens e mulheres, de modo plural, ou melhor, ela afirma que os homens e as mulheres são identificados por gênero, classe, raça, etnia, idade, nacionalidade, etc. e, dessa forma, assumem “identidades plurais, múltiplas” e produzem diferentes “posições de sujeito”. Nessa relação, as redes de poder (das instituições, símbolos, códigos, discursos, etc.) precisariam ser examinadas. Nesse sentido, Louro (1997) explica que as identidades são múltiplas e plurais, que elas transformam-se e podem nos ajudar a entender que as práticas educativas são “generificadas”, produzindo-se a partir das relações de gênero, de classe e de raça.

A compatibilidade entre os gêneros mediante Louro (1997) deixa claro que as práticas educativas são moldadas das diversas relações, classe, raça e gênero, esta última, constituída para o desenvolvimento do conflito de gênero, quando não aplicada adequadamente nas instituições educacionais.

No nosso cotidiano, a pesquisa fundamentara-se na erradicação de futuros preconceitos a serem desenvolvidos em sala de aula infantil. O que queremos dizer, é que por meio desta pesquisa buscaremos fomentar

conhecimentos precisos para o desenvolvimento de uma prática pedagógica exonerada da construção de preconceitos no ambiente educacional infantil.

Na educação, a pesquisa deseja combater as ações de conflitos entre gêneros, principalmente nas instituições educacionais, que tendem a socializar as crianças para papéis femininos e masculinos tradicionais, sendo, desta forma, contribuintes do conflito na educação infantil. Há várias situações capazes de influenciar na construção do caráter e personalidade da criança, podemos citar as incompatibilidades que existem entre os vários tipos de comportamentos. O comportamento que podemos considerar como influenciador na construção do caráter e personalidade de uma criança é a mudança de identidade de um determinado gênero que sirva de referência para tal criança, isto é, tais pessoas sofrem preconceitos social e com isso se envergonham de assumir sua identidade que está embutida no seu interior.

A escola e a prática pedagógica devem reconhecer e acolher as diversas identidades sexuais de gênero (BRASIL, 2007). Para isso, as educadoras e os educadores devem compreender os conceitos de identidade, diferenças, diversidades, e desconstrução de preconceitos. O RCNEI tenta articular sexualidade e gênero, porém revela uma concepção essencialista/biologicista, vertente que nega que a construção de gênero sofra influência da sociedade ao afirmar um vínculo básico entre o indivíduo conjuntamente com seus traços biológicos. Ademais, observa-se que o RCNEI também apresenta uma ambiguidade entre espontaneísmo e intervenção comprometida com a equidade existente entre gêneros. Quando as crianças já trazem “importantes referências para sua representação quanto aos papéis de masculino e feminino” da estrutura familiar (BRASIL, RCNEI, Vol. 2, p. 20), a qual pode ser conservadora quanto às relações entre os sexos, mas, se “os conflitos também poderão surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vive” (p. 42), não se deveria, como orientação didática para crianças de quatro a seis anos de idade, propor a “participação em situações de brincadeira nas quais as crianças escolham os parceiros, os objetos, os temas, o espaço, e as personagens” (p. 36) E se os meninos só escolherem companheiros do mesmo sexo, futebol, e brincadeiras de luta? E se as meninas só brincarem de

boneca e casinha? Felizmente, graças à nova visão despreconceituosa que está se desenvolvendo na sociedade, sobretudo quebrando paradigma e trazendo uma nova estruturação para a desconstrução dos conflitos de gêneros por isso, se propõe a “participação de meninos e meninas igualmente em brincadeiras de futebol, casinha, pular corda, lutas, etc.” (p. 37) Positivamente, o RCNEI assume a proposta de educação não sexista, no que concerne ao que podemos chamar de formação do caráter do gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Para que não exista nenhum tipo de conflito entre os gêneros, principalmente no âmbito da educação infantil, cabe uma exigente atenção constante por parte de nós futuras/os pedagogas/os no sentido de evitar que sejam reproduzidas, nas relações com as crianças, padrões machistas quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que a mulher não briga (BRASIL, RCNEI, Vol. 2, 1998, p. 41-42). Nas orientações didáticas quanto ao desenvolvimento do equilíbrio e coordenação entre crianças de quatro a seis anos de idade, recomenda que seja importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades, como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê etc. Essas experiências devem ser oferecidas sempre, como o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamento que venha levantar conflito de gênero capaz de impedir que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem bambolê (BRASIL, RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 37). Pois, essas atitudes fortalecem o princípio da igualdade entre os gêneros, desconstruindo a teoria preconceituosa que determina a cor e as brincadeiras dos meninos e das meninas.

É de suma importância um ambiente que proporcione conhecimentos e ações eticamente eficazes, sobretudo revestidos de uma construção de futuros cidadãos capacitados para a aceitação de qualquer diferença individual.

3 ENCONTRANDO SOLUÇÃO PARA OS CONFLITOS DE GÊNEROS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mediante leituras realizadas sobre o tema em foco podemos afirmar que a educação infantil no Brasil nunca foi um assunto de muita importância para a sociedade. Pois, os órgãos responsáveis por tal assunto não tinha a autonomia de fazer um trabalho cujo objetivo fosse alcançar as crianças e nem os governantes também não davam nenhum incentivo para que os órgãos desenvolvessem tarefas que despertassem nas crianças o interesse pela leitura, pela sala de aula, enfim, pela sua própria educação no sentido de crescerem como cidadão e, sobretudo, mediante a educação escolar. Isto é, no Brasil, nem sempre, a educação infantil esteve presente nos debates, pois a situação da infância foi, por muito tempo, desconsiderada como um problema de investimento público. Somente a partir do século XVIII é que as mães foram consideradas como “cuidadoras” dos filhos e, por conseguinte, surgiu então à noção de “amor materno”, as amas de leite são substituídas pelas mães no cuidado das crianças, a noção de higiene e cuidados com as crianças passa ser central. Daí, a partir do século XIX e XX, a criança passa a ocupar um lugar de grande relevância no seio familiar e da sociedade. Logo, passa-se a pensar na criança como um ser que necessita de cuidados especiais e de um lugar acolhedor para viver e se desenvolver que tenha o mínimo de conforto, de espaço, começando a delinear-se o que mais tarde evoluiu para o que hoje reconhecemos como infância. Segundo Didonet (2003) e Kramer (2003; 2006), o direcionamento das políticas públicas educacionais para crianças pequenas, teve seu início na década de 1970, quando foi criada a Coordenação de Educação Pré-escolar (MEC/COEPRE).

Do ponto de vista histórico, a educação da criança esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização,

convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares. Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo traçar a trajetória histórica da educação infantil no Brasil, analisando, criticamente, os avanços e retrocessos dessa modalidade educacional e sinalizando para os desafios que se colocam na busca pela qualidade na organização do trabalho pedagógico dessas instituições.

Ao longo do século XX, a educação infantil evoluiu de diferentes formas, sob a influência e colaboração de diferentes pedagogos ou educadores, a começar com Froebel, conhecido pela criação dos jardins de infância. Este pedagogo, já enfatizava a importância do jogo e do brincar (nosso tema em estudo) no processo de desenvolvimento infantil, sendo por isso, notoriamente o precursor de uma pedagogia diferente para a educação das crianças pequenas e dos mais velhos, agrupando-os em diferentes faixas etárias.

Na Europa, com a transição do feudalismo para o capitalismo, em que houve a passagem do modo de produção doméstico para o sistema fabril, e, consequentemente, a substituição das ferramentas pelas máquinas e a substituição da força humana pela força motriz, provocando toda uma reorganização da sociedade. O enorme impacto causado pela revolução industrial fez com que toda a classe operária se submetesse ao regime da fábrica e das máquinas. Desse modo, essa revolução possibilitou a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, alterando a forma de a família cuidar e educar seus filhos. No século XIX, na Europa e nos EUA, foi projetado um novo espaço para atendimento à criança, com idade entre 4 e 6 anos, a pré-escola, pensada com lógica compensatória e preparatória. Compensatória das carências infantis, e preparatória para a escola de 1º grau. No Brasil, a infância começa a ganhar importância em 1875, quando surgem no Rio de Janeiro e São Paulo os primeiros jardins de infância inspirados na proposta de Froebel, os quais foram introduzidos no sistema educacional de caráter privado visando atender às crianças filhas da emergente classe média industrial. Somente a partir da década de 1980 dá-se um importante e grande avanço em relação a educação infantil, foram feitos estudos e pesquisas com objetivo de discutir a verdadeira função da creche/pré-escola. Foi concluído que independente da

classe social, a educação da criança pequena é de grande importância e que todas, independentes de classe, cor, raça, religião ou etnia deveriam ter acesso à educação. Essencialmente, no fim dos anos 80, podemos ver uma discussão sobre o caráter pedagógico da educação infantil, atentando para uma pré-escola com função pedagógica pautada na transmissão de novos conhecimentos e a garantia de novas aprendizagens (KRAMER e ABRAMOVAY, 1987, p. 35-36). Dois anos depois, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou os direitos constitucionais em relação à educação infantil.

Portanto, em 1994, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou o documento Política Nacional de Educação Infantil (PNEI) que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhorias da qualidade no atendimento às crianças, sobretudo, a qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de educação infantil. Em 1998, o MEC publica o documento subsídios para credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil, com o objetivo de oferecer parâmetros para a manutenção e a criação de novas instituições de Educação Infantil. No mesmo ano, visando à elaboração de currículos de Educação Infantil, cuja responsabilidade foi delegada pela LDB a cada instituição e seus professores, o ministério da educação editou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (RCNEI) como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil, ou seja, esses documentos são, hoje, os principais instrumentos para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil do país. Entretanto, a educação infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Isto é, cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e, educar, porque deve oferecer à criança possibilidades de descobertas e aprendizados. Mediante as mudanças e transformações na sociedade incluindo a educação infantil, mudanças no sentido de encontrar melhorias a fim de incluir os portadores de necessidades especiais e sentido de

criar um ambiente seguro e apropriado para receber as crianças sem, contudo elas passarem por nenhum tipo de constrangimento ou preconceito, as autoridades do âmbito educacional resolveram levar o assunto da educação infantil com mais responsabilidade e incluir na pauta do Congresso Nacional a fim de fomentar e fazer com que todos os responsáveis pelas instituições se movimentem buscando, sobretudo melhorias e capacidade de capacitar os professores valorizando-os e remunerando-os com dignidade para que os tais profissionais tenham mais desejo de trazer para à sala de aula elementos capazes de desenvolver a imaginação do aluno, sobretudo o da educação infantil. Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional chama o equipamento educacional que atende crianças de 0 a 3 anos de "creche". O equipamento educacional que atende crianças de 4 a 6 anos se chama "pré-escola". Recentemente mudanças e alterações foram feitas na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) por meio da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, publicada no Diário Oficial da União. Essa regulamentação oficializa a mudança feita na Constituição por meio da Emenda Constitucional n.º 59 em 2009. As creche e pré-escola vieram atender de uma forma singular os anseios e objetivos da mulher. A creche foi e está sendo a grande aliada da mulher. Pois, ela sai para trabalhar e deixa seu filho não com uma pessoa qualquer, mas, em uma instituição onde a criança será alimentada e educada, por pessoas preparadas para tal função. e ao chegar em casa mesmo cansada pelo serviço lá fora, está feliz, por ver o filho, e saber que em casa não falta nada, pois, com o seu trabalho melhorou a renda familiar. O progresso da educação depende de cada um de nós. São as nossas atitudes que trará a resposta positiva ou negativa. Um simples gesto pode comprometer o futuro de uma nação onde a força total de todos os projetos está em torno da educação.

Por fim, entendemos que é na infância que a criança aprende a se comportar como cidadão e o que deve ser priorizado na educação infantil são as interações, a interdisciplinaridade, o lúdico, entre as crianças com os demais sujeitos, gerando experiências de diversas ordens na relação com os mundos físicos, sociais, emocionais que são produzidos em diferentes realidades sócios

educativos e que promova na criança o interesse pela pesquisa, pela leitura e, sobretudo pelo desejo de crescer intelectualmente e de maneira prazerosa.

4 PERCORRENDO OS CONFLITOS DE GÊNERO

Frente ao tema escolhido, percebemos que para elaborar uma pesquisa com fundamentação convincente, é necessário utilizar-se do método qualitativo visto que é a maneira mais adequada pela qual dará mais expansão para utilizar-se com segurança e acima de tudo expor com conhecimento fundamentado, devendo-se, por sua vez, utilizar-se de um tipo de pesquisa que através dele obtenha maiores informações que fornecerá sustentação para a defesa da tese.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Portanto, para este tipo de trabalho, devemos optar para o tipo de pesquisa etnográfica. Visto que a pesquisa etnográfica é o modelo essencial para resolver a problemática do tema em questão mediante o plano de coleta e análise de dados que este tipo de pesquisa é capaz de fornecer.

Pois esta ferramenta de pesquisa tem por objetivo descrever e interpretar a cultura e o comportamento cultural das pessoas e dos grupos. É utilizada para compreender os diversos comportamentos e as relações entre pessoas ou grupo de pessoas (educadores, crianças de uma sala, mãe de uma determinada instituição escolar). O principal objetivo desta modalidade de pesquisa é descrever e interpretar a cultura e o comportamento cultural das pessoas e dos grupos. Demanda do pesquisador uma familiaridade, uma vivência com o contexto onde será desenvolvido o estudo. Segundo Cardoso (1986, p. 95), um pesquisador capaz de uma “boa” interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta-voz de seus anseios e carências. Neste caso,

(...) o critério para avaliar as pesquisas é principalmente sua capacidade de fotografar a realidade vivida. Sua função é tornar visíveis àquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do status quo (CARDOSO, 1986, p. 95).

A pesquisa etnográfica parte da observação e da descrição do cotidiano, buscando o significado do próprio contexto social, nas situações existenciais de vida, no sentido de desvendar e revelar estas situações. No estudo das condições de vida cotidiana dos sujeitos, busca-se conhecer sua realidade específica: Linguagem, regras, valores, relacionamentos e projeto de vida, mediante o objetivo de estudo. Enfim, é o tipo de pesquisa essencial para dirimir a problemática do tema em questão.

4.2 SUJEITO DA PESQUISA

A pesquisa acontecerá por meio de visita e entrevista estruturada com perguntas e respostas a professora da Creche da educação infantil, cuja finalidade será observar e avaliar o relacionamento, o comportamento, a interação, a inclusão, o diálogo, a recepção, o rendimento escolar, e acima de tudo se há algum tipo de preconceito conflitante entre os gêneros em algum aluno daquela instituição. Observar também como se dá o tratamento do educador com os alunos em sala de aula, se o tratamento contribui ou não para o surgimento de algum conflito de gênero no ambiente escolar, se o tratamento dado pelo mesmo (educador) é igualitário e sem discriminação. Isto é, somente após a leitura real desta observação é que deve ser inserido mecanismo que contribuam para a solução dos problemas do tema em foco. Ou seja, os conflitos de gêneros no âmbito da educação infantil.

5 CONFIGURANDO O CAMPO EMPÍRICO

O campo de pesquisa será a Creche Hilda Barbalho, fundada por Alice Rocha na gestão do Senhor Prefeito Fernando Cunha, localizado atualmente na Rua Nilzete Menezes, sem número, no centro do município de Pitimbu. A Creche funciona em um prédio alugado pela prefeitura do município, na realidade uma casa, possuindo os seguintes cômodos: um terraço, uma sala (local onde fica a TV, DVD e aparelho de som), quatro quartos (funciona as salas de aula, do pré I, com 15 alunos; pré II, com 24 alunos, e atendimento as crianças que ainda não frequentam a pré-escola), dois banheiros (um para os alunos, e o outro para os funcionários), uma cozinha, uma área para o refeitório, e uma área de lazer para as crianças.

Na Creche Hilda Barbalho atuam 13 funcionários, divididos em: diretora, também professora da creche (Fátima de Lourdes dos Santos, com formação em Pedagogia), adjunta (Gediane dos Santos Barros), 5 monitoras (Aldenize Rodrigues, Gildete Valério, Claudia Maria, Lidianne Maria e Leonoura de Araújo), 2 auxiliares (Maria do Socorro e Maria da Conceição), 2 merendeiras (Vanize de Souza e Claudia Rodrigues, guarda (Dayze Martins), e professora (Vanessa Maria Barbosa, formando-se em Letras).

A creche é frequentada por crianças de 2 a 5 anos de idade. As crianças com 2 a 3 anos recebem cuidados de monitoras durante os dois turnos (manhã e tarde), as de 4 e 5 anos frequentam o pré-escolar, acompanhados por professoras (período da manhã). A turma escolhida para os estágios, é formada por 15 crianças, de 4 anos, denominada de pré I, acompanhada pela professora Vanessa Maria, no turno da manhã.

Essa turma inicia a aula as 07h15min da manhã, dando uma parada às 09h00min horas para o lanche, retornam à aula as 09h30min, encerrando as 11h00min horas.

6 PLANO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Vale salientar que o método de pesquisa adotado é do tipo qualitativo por ser entendida como um processo de aprofundamento das relações humanas que visa à identificação de algum conflito entre gêneros como por exemplo, discriminação por cor, raça, religião, sexo, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno e principalmente com o tema de pesquisa em estudo.

Pois é através desta metodologia, que podemos relatar, em termos qualitativos, as concepções de educadores mediante a criança como sujeito direto vulnerável ou não a algum tipo de exclusão. A pesquisa etnográfica por sua vez, exige maior investimento em síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo. Visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos ou variáveis que afetam o processo e, por conseguinte, busca encontrar meios pelos quais afastam a presença de qualquer conflito e, portanto, é capaz de explicar a razão de ser das coisas, proporcionando uma visão geral e de forma aprofundada acerca de determinado fenômeno.

Por fim, com a finalidade de se alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa e visando dirimir alguma dúvida, desconforto, desencontro, intriga, discriminação, preconceito, desentendimento, conflito de gênero, sobretudo no âmbito da educação infantil, adotamos uma metodologia de pesquisa, no caso específico (etnográfica) no intuito de descrever os conflitos encontrados e, por conseguinte encontrar a solução. Ou seja, descobrir o problema que conflita entre os gêneros, principalmente na educação infantil, não basta. O mais interessante é encontrar a solução para resolver definitivamente o problema. Este é o objetivo principal deste instrumento de pesquisa.

A entrevista foi realizada com uma professora da creche constante do campo empírico, também nos valem da observação “in loco”, a fim de termos subsídios para fundamentar nossa coleta de dados. Entretanto, o pesquisador participou pessoalmente e ativamente da situação com o intuito de alcançar todos os objetivos proposto no presente objeto de estudo. O pesquisador, por

sua vez, sugeriu e opinou sobre alguns métodos e práticas pedagógicas como também se envolveu com as crianças daquela creche com a finalidade de identificar algum tipo de preconceito. Por fim, o pesquisador observou todo o cenário tirou suas conclusões e as fundamentou.

6.1 ANÁLISE DE DADOS

A entrevista é de cunho qualitativo do tipo etnográfico e tem como objetivo explorar, analisar e informar os dados ou informações coletadas como segue:

- Método qualitativo/pesquisa etnográfica: Utilizou-se do instrumento de coletas de dados (entrevistas estruturadas mediante questionário de perguntas e respostas abertas e também com a participação do pesquisador), a compreensão do pesquisador mediante seu entendimento por meio da observação como atitudes das crianças, interação, fala, intimidade, relacionamento entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. Toda esta gama de dados e informações extraídas do contexto por meio da observação íntima do entrevistador e mediante as respostas da entrevistada (professora da creche) serão descritas e analisadas no tópico seguinte.

Este tópico tem por objetivo descrever, discutir e analisar as informações obtidas mediante a entrevista realizada no campo empírico. E, por sua vez, apresentar os resultados ali presenciados pelo entrevistador, cujos principais objetivos são identificar quais práticas pedagógicas discutem os conflitos de gêneros, compreender as situações de conflitos que determinam os preconceitos no tocante ao gênero, conseguinte, analisar os mecanismos que contribuem para desconstruir o preconceito de gênero na educação infantil. Portanto, além de apresentar o teor das respostas dadas pela professora mediante a aplicação do questionário, faremos uma análise descritiva e interpretaremos o conjunto de dados obtidos pelo plano de coleta de dados.

6.1.1 Apresentações da discussão da essência das respostas da entrevistada:

a) Em sua opinião há conflitos de gênero no atual modelo de creche da educação infantil?

Diante desta pergunta, a professora relatou que o atual modelo de creche é tendencioso para alimentar os conflitos de gênero, por motivo de que a estrutura organizacional ainda estabelece na sua arquitetura áreas diferenciadas e separadas de meninos e meninas. Isto é, ao construir o prédio propriamente dito, e na organização interna entre as salas a direção pré-determina onde ficarão os meninos e as meninas. Assim também acontece com os banheiros, colocando o desenho nas portas aonde se identifica o banheiro do sexo masculino mediante o desenho de um homem e o banheiro do sexo feminino mediante o desenho de uma mulher. Da mesma forma também acontece com os brinquedos, nesta creche ainda se diz que menina deve brincar de bonecas, enquanto que os meninos devem brincar de carrinho, cavalo de pau, etc. Pois bem, como podemos ver claramente, mediante o relato da professora entrevistada, o atual modelo de creche ainda é um incentivo para a prática do conflito de gênero. Portanto, devemos estabelecer práticas pedagógicas que mude esta realidade. Pois, a instituição escolar (creche) deve cuidar e orientar as crianças de maneira que criem novos conceitos a fim de afastar qualquer atitude que visem excluir qualquer criança de não poder interagir de maneira satisfatória e prazerosa. Ou seja, a creche tem o dever de trabalhar com a inclusão social e não permitir que alguma criança sofra pelo fato de ser excluída. Vamos mudar esta realidade!

b) Na sua vivência dia-a-dia com as crianças desta creche pode-se identificar algum tipo de preconceito entre elas?

Sim. Contudo, nunca viram algum tipo de comportamento discriminatório por nós educadores, mas devido o contato das crianças nas ruas e muitas vezes até aprendem em casa, com parentes, vizinhos, amigos, coleguinhas etc. E quais tipos de preconceitos você (como professora) identifica entre eles (alunos/crianças?) preconceito do tipo: Meu cabelo é melhor que o seu; Eu não gosto de você por você é preta; Tia, meu colega (fulano de tal) agora é menina

porque a mãe dele comprou uma sandália cor de rosa pra ele usar; Tia (fulana) estava brincando com meu coleguinha de bola ela é menino é? Minha mãe disse que eu só posso brincar de boneca com minhas coleguinhas etc. Tia, o tio do meu coleguinha é gay e meu pai falou que não gosta de gay não, tia. Todavia, se percebe claramente naquela entrevistada o controle do conhecimento do que acontece entre seus alunos inclusive sobre o comportamento preconceituoso que os alunos aprendem no meio em que vive.

c) Sendo sua resposta afirmativa, qual sua opinião para quebrar tal comportamento negativo?

A entrevistada falou que toda equipe responsável pela creche está se reunindo para encontrar medidas pedagógicas que quebrem todo e qualquer tipo de preconceito, inclusive, que tais práticas também venha envolver os pais e responsáveis pelas crianças. Portanto ótima ideia!

d) Aponte medidas que desconstroem preconceitos no âmbito da educação infantil.

A entrevistada apontou as seguintes medidas pedagógicas que sendo colocada em prática, desconstroem preconceito já existente ou que possa surgir no âmbito da educação infantil como:

- Palestras pedagógicas com os alunos incluindo pais e responsáveis;
- Brincadeiras envolvendo meninos e meninas explicando que não existe separação entre brincadeira de meninos e brincadeiras de meninas;
- Tarefinhas de aula utilizando as cores e aproveitando o momento da aula para explicar que não existe uma ordem que proíba o menino usar cor de rosa;
- Criar um momento de interação entre as crianças como por exemplo cada um abraçar seu amiguinho ou amiguinha aproveitando aquele momento para dizer que todos são iguais, importante e que merecem respeito independente da cor da pele, etc.

Diante dos mecanismos apresentados pela entrevistada, percebemos que existe interesse por parte da creche em adotar medidas sócio-educativas para

quebrar os paradigmas do preconceito existente na educação infantil e, portanto, esclarecer para todos os envolvidos diretamente no processo educacional e para a sociedade que os conflitos de gênero é uma atitude retrógrada e produto de uma sociedade machista e que todos estão convidados a afastar este tipo de atitude do nosso meio e que aprendamos a conviver com as diferenças.

Enfim, ao concluir a entrevista naquela instituição, ficou claro a existência de situações conflitantes entre gêneros na educação infantil é uma realidade e que devemos atentar com urgência aplicando medidas coercitivas, sobretudo pedagógicas no sentido de tirar do âmbito educacional comportamento que exclua a criança por motivo de cor, religião, sexo, status social. Ou seja, nenhuma prática preconceituosa deve ser aceita no meio de uma sociedade que está sofrendo mudanças todos os dias.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto em discussão neste trabalho é de suma importância, pois tem como objetivo desconstruir uma visão machista de tantas décadas de duração na sociedade. Somos um país em que a discriminação e o preconceito são visivelmente praticados no meio social. Consequente, nós graduandos da pedagogia moderna, temos a responsabilidade de nos mobilizar no sentido de acabar com atitudes que culminam na inferiorização do ser humano como pessoa. Ou seja, o ser humano deve ser respeitado como ele é. Não devemos medir ou julgar uma determinada pessoa pelo seu jeito de andar, falar, vestir, nem muito menos pelo seu modo de se comportar. Entretanto, as pessoas devem e merecem ser amadas da maneira que são. Respeitadas por aquilo que faz. Consideradas por aquilo que fala. E, sobretudo amada pelo bem que faz ao seu semelhante não levando em consideração, cor, raça, sexo, religião, etnia etc.

Portanto, considerando que a escola é a célula-mãe com capacidade de formar cidadãos, que nós futuros pedagogos/as vamos assumir a responsabilidade de orientar as crianças no sentido de encaminhá-las na vida para que estas aprendam a discernir entre o certo e o errado. Considerando ainda que a sociedade e as famílias estão passando por muitas mudanças e transformações que se não tivermos atentos poderemos nos confundir mediante os novos conceitos de família. Considerando também, que não é fácil banir o preconceito e a discriminação do meio social. Por fim, considerando que o nosso país faz parte de uma sociedade de práticas puramente machista. Contudo, não podemos permitir que essas práticas encontrem acesso nas instituições educacionais excluindo as crianças indefesas ou ensinando-as que existem brincadeiras de meninos e de meninas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. À procura da história das mulheres. **Cadernos da Condição Feminina**, Lisboa, n.29, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRENNAND, Edna Gusmão de Goes.II.ROSSI, Sílvio José-Org.Trilhas do Aprendizente.João Pessoa:Ed.Universitária/UFPB,2009.V.5.

BRENNAND, Edna Gusmão de Goes.II.ROSSI, Sílvio José-Org.Trilhas do Aprendizente.João Pessoa:Ed.Universitária/UFPB,2009.V.4.

BRENNAND, Edna Gusmão de Goes.II.ROSSI, Sílvio José-Org.Trilhas do Aprendizente.João Pessoa:Ed.Universitária/UFPB,2009.V.3

BRENNAND, Edna Gusmão de Goes.II.ROSSI, Sílvio José-Org.Trilhas do Aprendizente.João Pessoa:Ed.Universitária/UFPB,2009.V.8

BRENNAND, Eládio José de Góes. MEDEIROS, José Washington de Moraes. FIGUEIREDO, Maria do Amparo Caetano de. Coleção Mandala. Editora da UFPB. João Pessoa-PB. 2012.

GOLDENBERG, Miriam. De Amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: (Org.). Os novos desejos Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 107-123

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez/, 1990.

APÊNDICE

Apêndice A

ENTREVISTA ESTRUTURADA

- 1 – Em sua opinião há conflitos de gênero no atual modelo de creche da educação infantil?
- 2 – Na sua vivência dia-a-dia com as crianças desta creche pode-se identificar algum tipo de preconceito entre elas?
- 3 – Sendo sua resposta afirmativa, qual sua opinião para quebrar tal comportamento negativo?
- 4 – Aponte medidas que desconstroem preconceitos no âmbito da educação infantil.